

Momento é de reconstruir diálogo com o mundo

Hussein Kalout e Sergio Amaral analisam significado da vitória de Biden para o Brasil e o globo

Entrevista de Daniel Ritter com Sergio Amaral e Hussein Kalout

09/11/2020, Valor Econômico

A troca de comando na Casa Branca dá novo fôlego ao sistema multilateral, coloca o antiglobalismo em baixa, acentua as dificuldades de interlocução do Brasil com o resto do mundo e evidencia uma necessidade de guinada na atual política externa.

Essa é, em resumo, a avaliação do cientista político Hussein Kalout e do diplomata Sergio Amaral. Ambos minimizam a possibilidade de uma postura hostil do futuro governo de Joe Biden em relação ao Brasil, mas veem risco de pressões vindas de sua base por causa do desmatamento.

Kalout, ex-secretário de Assuntos Estratégicos e atualmente pesquisador em Harvard, defende uma guinada na política externa brasileira para lidar com a nova conjuntura internacional: “Nossa interlocução com a Europa Ocidental é pobre. Na América do Sul, minamos nosso capital diplomático. Enfraquecemos os Brics, há tensionamento desnecessário com a China. E, com os EUA, depositamos todos os ovos na cesta de Trump”.

Para Amaral, ex-embaixador em Washington e ex-ministro do Desenvolvimento, o Brasil perdeu voz no cenário internacional justamente no momento em que há “deslocamentos tectônicos” para desenhar a nova ordem. E mais: está distante de seus ex-melhores amigos. “Até o Trump, eram os EUA. E agora, quem vai ser? Tivemos ruídos com países que sempre foram muito amigos: França, a Europa de forma geral, Argentina.”

Em entrevista ao Valor, neste fim de semana, eles analisaram o significado da vitória de Biden para o Brasil e o mundo. Kalout afirma que o democratas entenderam a necessidade de contranarrativa nas redes sociais para combater a indústria de fake news e vê o trumpismo com sobrevivência incerta, lembrando o enfraquecimento do nasserismo no mundo árabe, depois da morte de Abdel Nasser.

Amaral acredita que o próprio nacional-populismo está em processo de recuo. “Minha leitura, talvez otimista, é que tendemos a caminhar para um processo de institucionalidade. Porque esses movimentos podem até eleger, mas depois não governam.”

Entrevista com Sergio Amaral: ‘Nacional-populismo está em processo de contenção’

Saída de Trump da Casa Branca acelera movimento, que já é notado na Europa, em que os ‘coletes amarelos’ não prosperaram na França e o Brexit não parece ser a rota perseguida por outros países da região

Valor: Qual é o principal significado da vitória de Joe Biden e da derrota de Donald Trump nos EUA?

Sergio Amaral: É difícil ver um fato isolado sem todo o seu contexto. A globalização é a origem das profundas transformações que estamos vivendo. Ela trouxe uma aceleração dos fluxos financeiros, comerciais, de pessoas. Trouxe prosperidade e avanço da ciência, mas também desequilíbrios e ressaca. Uma das resistências é com o estrangeiro - seja com bens, seja com os imigrantes.

Junto com essa tendência de se proteger contra tudo o que vem de fora, as instituições e os partidos políticos não estavam preparados para dar uma resposta a essas mudanças, que acentuaram desigualdades. As sociedades tenderam a recorrer a líderes populistas, que ofereciam respostas fáceis para questões complexas. Esse ambiente externo, somado à grande capacidade de comunicação e à intuição política de Trump, faz o conjunto do trumpismo. O movimento nacional-populista é um fenômeno mundial, mas entrou em processo de recuo. A saída dele da Casa Branca acelera esse recuo.

Valor: Por que o sr. acha que esse movimento está recuando?

Amaral: Foram muitos choques ao mesmo tempo. Não houve tempo para as instituições se prepararem. Esses movimentos surgiram no vácuo, como forma de transição para uma reorganização da sociedade. Mas hoje se vê nos países europeus que, depois de uma ameaça muito grande dos movimentos nacionalistas, a ordem institucional se impõe. O Brexit não parece ser a rota perseguida pelos outros da União Europeia, os 'coletes amarelos' não prosperaram na França, a família Le Pen não está em caminho ascendente, o populismo na Itália tem se acomodado.

É interessante ver o que está acontecendo no Chile, uma crise onde não se esperava, pelo êxito econômico com componentes de um modelo social. De repente, isso ruiu. E o governo chileno, agindo com competência política, negociou um novo pacto social, com a nova assembleia constituinte. O Biden concorda com diversas demandas: papel maior do Estado na economia, superar o racismo sistêmico, ter uma política mais firme para o meio ambiente. Mas fazer tudo dentro da institucionalidade e do processo negociador. Minha leitura, talvez otimista, é que tudo isso tende a caminhar para um processo de institucionalidade. Porque os movimentos podem até eleger, mas depois não governam.

Valor: O trumpismo dominará o Partido Republicano até 2024?

Amaral: Depende de como será a convivência entre um e outro. O Partido Republicano tem alas que não gostam do Trump, mas elas foram docemente constrangidas a aceitá-lo, pela sua capacidade de votos. Foi um casamento de conveniência.

As elites empresariais passaram a ver como complicados os passos mais recentes e extremados do Trump, como sua hesitação em reconhecer a democracia. O ativo dele é ter quase metade do contingente de votos, mas o partido terá que passar por um processo de "soul searching", de busca de identidade. Não consigo antecipar o resultado desse jogo de forças, mas acredito que o partido se afastará.

Valor: Quais os maiores efeitos da vitória de Biden sobre o Brasil?

Amaral: Há dois efeitos. Um é a sinalização política: mostrar que a sociedade americana, em uma votação de caráter plebiscitário, rejeitou o tensionamento e desrespeito às normas. Muitas vezes vimos apoiadores de Trump agindo de uma forma nos EUA e, pouco depois, os apoiadores de Bolsonaro em atitudes semelhantes. Nada que seja combinado, mas a visão de mundo é semelhante. Na pandemia, as posições foram parecidas: negação da ciência, do uso de máscaras, do distanciamento. E segundo: os nossos interesses econômicos. Pode-se configurar um isolamento do Brasil. Isolamento não significa militância contra o país no âmbito de governos, mas movimentos crescentes da sociedade e de políticos em torno de questões ambientais.

Valor: O que exatamente o sr. espera em termos de pressão do governo Biden na área ambiental?

Amaral: Brasil e EUA são parceiros tradicionais. Têm problemas, como todas as relações, mas preservamos afinidades importantes. Haveria alguma razão para Biden deliberadamente adotar políticas ou restrições contra nós? Não acredito. O fundo do relacionamento é positivo e reflete interesses econômicos dos dois lados. No entanto, tratando-se de um governo que estabeleceu a questão ambiental como uma prioridade, poderá sofrer forte pressão da sociedade civil e da opinião pública sobre o desmatamento na Amazônia. Hoje elas têm mais instrumentos para exercer pressão. Se os movimentos ambientalistas decidem que não se compra mais madeira ou carnes do Brasil, não se compra. Deve-se entender que a questão ambiental não se restringe mais a políticas de governo. É a utopia do século 21.

Valor: Como o sr. vê a abordagem do governo Biden com a China e pressões sobre o Brasil no 5G?

Amaral: Na medida em que Biden se propõe a diminuir as tensões com a China e adotar uma política de contenção que tenha menos crispações, sem a retórica de guerra fria assumida pelo Mike Pompeo, isso nos dá um espaço para negociar melhor as nossas posições. Os dois países são importantes para nós, falar com um nunca deve ser em detrimento do outro, o que prevalece é uma negociação caso a caso e em funções dos nossos interesses nacionais. A relação EUA-China tem objetivos diferentes e até antagônicas. A China quer ver sua emergência reconhecida.

Os EUA não aceitam Pequim como grande potência e parte de um condomínio dos dois na ordem internacional. Para o mundo, é melhor que essas diferenças se resolvam dentro de um ambiente de negociação, em que convergências ou divergências não afetem tão diretamente a decisão dos outros países.

Valor: Que mudanças na nossa política externa são mais urgentes?

Amaral: O momento oferece uma grande oportunidade ao Brasil. Estamos passando por uma reconstrução da ordem internacional, que foi estruturada no pós-guerra e realmente tinha envelhecido. Antes mesmo da globalização já se percebia que ela precisava de mudanças. O que congelava as expectativas era o longo caminho. Numa das vezes em que conversei com Henry Kissinger, ele disse: 'A grande contribuição do Trump pode ser a aceleração dessas mudanças. Ele trouxe abalos que impõem a necessidade de reestruturação'.

O mundo está em um processo de transformação muito grande e nós colocamos, no centro da nossa política externa, questões pouco relevantes. A restauração dos valores judaico-cristãos não pode pautá-la. O antiglobalismo está na contramão. Com a pandemia e a vitória do Biden, agora é o multilateralismo que está sobre a mesa.

Valor: E o Brasil está mal posicionado nesse novo tabuleiro?

Amaral: Não temos a participação de antes. Sempre tivemos voz muito ativa, por exemplo, no comércio. Qual é a proposta brasileira para a reforma da OMC? Talvez exista, mas ninguém sabe. Outro ponto: todo país tem aqueles parceiros com quem alimenta mais afinidades, com os quais constrói alianças, os 'best friends'. Quem são os nossos melhores amigos?

Até o Trump, eram os EUA. E agora, quem vai ser? Tivemos ruídos com países que sempre foram muito amigos: França, a Europa de forma geral, Argentina. Estamos fora do grande debate internacional e não

temos mais 'best friends'. Há deslocamentos tectônicos em curso. O Brasil tem não só o direito, mas o dever de participar. É hora de reavaliar nossa política externa.

Entrevista com Hussein Kalout: 'Política externa psicodélica isola Brasil e exige guinada'

Nessa relação com a gestão Biden, o governo Bolsonaro começa, no mínimo, com desconfiança do lado americano

Valor: Qual é o principal significado da vitória de Joe Biden e da derrota de Donald Trump nos EUA?

Hussein Kalout: A eleição de Biden representa o aniquilamento de um modelo construído a partir de dinâmicas binárias e em que não é possível a coexistência pacífica de uma diversidade de ideias no embate político. Trump inaugurou uma doutrina de abordagem política em que a arte do diálogo foi transformada em radicalismo, diversionismo desmedido, intolerância. Essa moldura funcionou em 2016, mas encontrou um antídoto agora. Os democratas entenderam a necessidade de não mais responder com uma política clássica, a partir de propaganda de TV, mas com uma contranarrativa nas redes para combater a indústria de fake news.

Valor: Trump sai com 71 milhões, mas com o establishment do Partido Republicano cansado. O trumpismo sobrevive como movimento até 2024 e será opção eleitoral?

Kalout: Havia uma expectativa de que Trump fosse punido pelas urnas. Não foi bem assim. Ele perdeu a eleição no voto popular e no colégio eleitoral, mas obteve números significativos. Conseguiu criar um diálogo direto com a base que dribla as lideranças partidárias. É um populismo fundamentalista, vinculado a uma matriz ideológica religiosa, focada em princípios morais. Se sobrevive ou não, o tempo dirá. Mas, por se tratar de um fenômeno de caráter personalista, fica mais difícil retroalimentar. No mundo árabe, o nasserismo sobreviveu enquanto Abdel Nasser estava no poder. Com o passar das décadas, deixou de existir mais como movimento amplo. O chavismo, não vinculado a estrutura partidária, pode ser outra analogia.

Valor: Movimentos ultraconservadores, o supremacismo branco e o QAnon podem acabar com Trump fora da Casa Branca ou há risco de recrudescimento com Biden?

Kalout: As ideias reacionárias, o supremacismo branco, a revolta contra o establishment, o fundamentalismo religioso já existiam antes do Trump. O que Trump fez foi amalgamá-los, unificar essas diferentes fendas em torno de uma aliança de apoio a ele. Esses grupos tinham voz porque se sentiam legitimados pelo presidente, foram empoderados por seu discurso. Tudo isso continuará existindo, mas vai minguar de acordo com a competência do governo Biden de implementar políticas públicas que atendam às necessidades de todos os americanos.

Valor: O governo Biden encontrará muita dificuldade com um Senado republicano? Ele será muito pressionado pela ala mais progressista do Partido Democrata?

Kalout: A governabilidade de Biden será composta por quatro variáveis: 1) apoio de parte importante da base, trazendo para sua coalizão atores que têm influência em campos como direitos fundamentais e desenvolvimento sustentável; 2) as Casas legislativas. Naquilo que depende do Senado, ele precisará construir pontes. Não significa imobilizar uma agenda, mas identificar projetos em que existe a possibilidade de um denominador comum. Não dá para começar, por exemplo, com reforma das polícias;

3) a habilidade do presidente de construir essas pontes. Biden é um político profissional, conhece todos os meandros do Poder Legislativo, sempre foi visto como um elo dos democratas com os republicanos;
4) unificar a nação. Se ele for bem sucedido no esforço de diminuir os pontos de tensionamento e recompor o tecido social, isso também vai ajudá-lo no processo com o Congresso.

Valor: Qual será a diferença de Biden no tratamento à China?

Kalout: A tônica de 'America First' preconiza uma política externa insular, não dos EUA como construtor de consensos no concerto das nações e proponente de soluções no sistema multilateral. Republicanos e democratas concordam com a necessidade de conter o expansionismo chinês, mas a fórmula e a estratégia são divergentes. Trump acredita numa confrontação direta, com guerra comercial e uma tentativa de costurar cordões de isolamento, minando a capacidade da China de atuar em múltiplos tabuleiros. Biden entende que existe uma relação de interdependência muito grande.

Os pontos de intersecção são vários: os EUA têm investimentos maciços na plataforma industrial chinesa e a China é a maior compradora de títulos americanos, ou seja, não dá para desplugar de uma hora para outra. A percepção do governo Obama, que deve nortear a estratégia de Biden, é: quanto mais ela joga dentro das regras do sistema internacional, maior e mais eficiente a construção do poder chinês. A confrontação criada por Trump criou um vácuo no sistema multilateral. Muitas vezes se cai em um falso paralelismo com a guerra fria. É uma premissa equivocada. A competição EUA-URSS estava baseada em modelos ideológicos e em uma corrida armamentista, por dominação de espaços territoriais, sem interdependência da perspectiva econômica.

Valor: Quais são os efeitos sobre a atual política externa brasileira?

Kalout: A política externa do governo Bolsonaro carece de uma visão estratégica, coesa e coerente. Só tinha alguma validade com a existência de Trump e agora perde sentido. Ela tem movimentos táticos, conjunturais, que não compõem nada racional no conjunto. Não vejo Biden hostil ao Brasil, risco de sanções, inclusive porque há interesses econômicos. Os americanos são racionais, pragmáticos e têm outras prioridades: Biden precisa reconstruir a relação com a Europa, redefinir a abordagem com os chineses, reorganizar a política para o Oriente Médio, redesenhar o papel dos EUA nos órgãos multilaterais.

Valor: Mas isso implica mudanças na nossa política externa?

Kalout: De qualquer forma, precisamos dar uma guinada de 180 graus na política externa. Ela não se encaixa no que está sendo debatido na ordem internacional. O Brasil está se auto-impondo um isolamento. Não há como substituir a importância estratégica de França e Alemanha por Polônia ou Hungria. Nossa interlocução com a Europa Ocidental hoje é pobre. Na América do Sul, minamos nosso capital político-diplomático, construído ao longo de mais de um século. Estamos deixando um vácuo de poder que está sendo preenchido por potências extrarregionais. Se você não é capaz de liderar em seu próprio contorno estratégico, é muito difícil que tenha desenvoltura em outros tabuleiros internacionais. Enfraquecemos os Brics e há um tensionamento desnecessário com a China. E, com os EUA, depositamos todos os ovos na cesta de Trump. Nessa relação com a gestão Biden, o governo Bolsonaro começa, no mínimo, com desconfiança do lado americano.

Diplomacia é um processo contínuo de construção de confiança. Nós implodimos cânones, como opinar nas eleições de outros países, que não serão fáceis de restaurar. Hoje a política externa está voltada para o fortalecimento de um projeto de poder. É uma diplomacia assentada em monetização de votos, para animar uma casta de apoiadores, comandada por uma visão psicodélica das relações internacionais. O atual chanceler não possui as qualificações necessárias, os ingredientes para liderar um processo de mudança, mas não gosto de falar em pessoas e de nada adianta trocar nomes se você não muda a linha.

Essas entrevistas foram publicadas originalmente em:

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/11/09/momento-e-de-reconstruir-dialogo-com-o-mundo.ghtml>.